

# Dançando nos parapeitos da morte

Maria Silvia Borghese

Comentado por:

Paulo Endo e Norma Lottenberg Semer

**Maria Silvia Borghese** é psicanalista, professora e supervisora do Curso de Psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre e doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, com pós-doutorado em Psicologia Social pelo IPUSP. Autora dos livros *Depressão & doença nervosa moderna* (2004) e *O tempo e os medos* (2017).

**Paulo Endo** é psicanalista, professor livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Assessor do Territórios Clínicos de la Memoria (Argentina) e membro da Unit Research on Dreams, Memories and Imagination Studies (Polônia) e da Memory Studies Association Latin America (MSA/LA). Coordena o Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Democracia e Memória do Instituto de Estudos Avançados da USP. Tem dezenas de publicações sob a forma de livros, capítulos e artigos em revistas especializadas. Em 2006 foi agraciado com o prêmio Jabuti pela obra *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico* e seu livro *Psicanálise: confins/memória, política e sujeitos sem direitos*, publicado em 2022, se encontra disponível para download gratuito no link: <https://www.blucher.com.br/psicanalise-confins>

**Norma Lottenberg Semer** é psicanalista. Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Psicanalista de crianças e adolescentes pela *International Psychoanalytical Association* (IPA). Coordenadora do Curso Introdutório de Psicanálise da Infância e Adolescência da SBPSP (CINAPSIA). Vice-coordenadora do Comitê de Investigações da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL). Psicóloga pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Saúde Mental pelo Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e professora aposentada do mesmo Departamento. Autora de capítulos de livros e artigos em revistas especializadas.

1 E.L. Freud; H. Meng, *Cartas entre Freud e Pfister – um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*, São Paulo: Ultimato, 2009.

O convite da sessão Debate Clínico da revista *Percurso* me encontrou em um ano especialmente movimentado. Hesitei em aceitar a tarefa de escrever sobre um caso clínico, mas um paciente me veio à cabeça de imediato. Há tempos, pensava em retomar essa longa história, o que significava tolerar a *dança nos parapeitos da morte* ao lado do paciente uma vez mais.

Em 1910, em uma carta ao pastor Pfister<sup>1</sup>, Freud afirma que as coisas psicanalíticas são compreensíveis apenas quando completas e pormenorizadas, assim como a própria análise, que só avança quando o paciente decide descer de suas abstrações substitutivas até os pequenos detalhes, chegando a dizer que a discrição é incompatível com a boa exposição de uma análise, e que ao analista resta a necessidade de “ser inescrupuloso, expor-se, entregar-se como pasto, trair-se, portar-se, enfim, como um artista que compra as tintas com o dinheiro da despesa da casa e queima seus móveis para aquecer o modelo”.

Assim me senti, sabendo que cometeria alguns atos “criminosos” aqui e ali, pois a transferência e o exame da transferência só se viabilizam pela tolerância ao contágio. Enfim, escrever sobre a clínica é tarefa complexa, pois acontece onde se entrelaçam os mundos psíquicos de analista e analisante.

*Entrelaçamentos...*

Marcelo me procurou em meados dos anos 1990, encaminhado por uma amiga dele, que havia feito apenas algumas entrevistas comigo, anos antes. Mesmo assim, chega dizendo que eu havia sido bem recomendada, sabia que a tinha ajudado muito. Eu custei a me lembrar da mulher

mencionada, menos ainda sabia da importância desses poucos encontros. Tudo me soava falso nessas primeiras manifestações elogiosas sobre meu trabalho. As entrevistas, contudo, prosseguiram.

Marcelo tinha 45 anos, estava saindo de um namoro. Ao mesmo tempo que seguia tentando me seduzir com elogios, relatava que tinha caído em um buraco sem fundo, a partir do dia em que não pôde mais deixar de enxergar, no olhar de sua companheira, uma profunda decepção. “Ela me disse que só fiz mal a ela, que ela estava morrendo ao meu lado. Era verdade”.

Marcelo conta ainda que é usuário contumaz da dobradinha álcool/cocaína, que ele e sua namorada costumavam passar dias seguidos “bebendo, cheirando e transando”. É um homem grandalhão, mas tem mãos delicadas; não chega a ser bonito, mas é sedutor e charmoso; está sempre bem vestido, suas camisas são impecáveis, mas seus cabelos compridos e grisalhos estão sempre despenteados e desganhados; é educado ao falar, mas fala alto; solta alguns palavrões em momentos quase calculados, que resultam inoportunos, se constrange e se desculpa frequentemente por tê-los proferido; tem um olhar triste atrás de óculos bastante chamativos/divertidos, que mudam a cada sessão. Lembro de me perguntar “quem era aquela figura que estava chegando de um modo tão peculiar”. Assustava-me o que eu, àquela altura, apenas intuía como sendo um enorme sofrimento “envelopado” pela *persona* que apresentava.

Marcelo falava muito de sua separação, das injustiças cometidas pela namorada, sentia-se incompreendido por ela, pois não via problema “no uso recreativo de drogas”. Estava inconformado com a decisão dela de desaparecer completamente de sua vida. “Jamais vou entender. A gente tinha tudo que todo mundo quer ter: dinheiro, amigos, diversão, uma puta vida”.

“O que é uma puta vida?”, pergunto de maneira provocativa. Essa expressão logo se revela paradigmática em sua análise, pois condensava as principais questões no entorno de seu sofrimento. De uma “puta vida” a uma “vida filha da puta”, assim Marcelo passou a se contar em cada sessão.



*Marcelo conta ainda que é usuário contumaz da dobradinha álcool/cocaína, que ele e sua namorada costumavam passar dias seguidos “bebendo, cheirando e transando”.*

*A morte em cena...*

Marcelo era um dos cinco filhos de um casal “apaixonado, festeiro e cheio de amigos”, morava em um apartamento enorme, resultante da junção de dois grandes apartamentos, “a sala era imensa, o lugar das festas, ficava no meio do que virou, de um lado, a ala impenetrável dos meus pais e, de outro, a ala da filharada que vivia um pouco largada”. A casa era frequentada por amigos, escritores, artistas, pessoas que buscavam encontros e oportunidades. Seus pais ajudavam a todos, exerciam uma espécie de *mecenato*.

Porém, as festas acabaram com a morte repentina de sua mãe, quando ele tinha apenas 10 anos. Marcelo nunca soube exatamente o que aconteceu, mas fantasiava que “minha mãe tomou *acidentalmente* barbitúricos em excesso, misturados com álcool, não sei. Morreu aos 36 anos, como a Elis”. Diz não se lembrar da mãe, apenas alguns fragmentos, mas a descreve como uma mulher cheia de vida, extremamente carinhosa e paciente com os filhos, embora delegasse a maior parte da sua criação a babás e empregadas domésticas. Buscando memórias da mãe, Marcelo se lembra vividamente do dia “em que minha mãe me flagrou andando no parapeito da varanda. Eu adorava fazer isso, sempre subia no parapeito e amava a sensação de olhar lá pra baixo, do oitavo andar, brincava de equilibrista. Nesse dia, ela me flagrou. Foi chegando de mansinho, falando baixinho, pedindo pra eu descer, até que me agarrou no colo. Ficou horas me fazendo jurar que eu



*as sessões prosseguiam bastante agitadas. Marcelo costumava chegar vinte minutos mais cedo e os passava falando alto ao telefone celular. Fazia-se presente, invadindo sonoramente as sessões de minha paciente anterior.*

nunca mais iria repetir aquilo. Não lembro bem, mas acho que fiz isso várias vezes depois”.

Alguns meses após a morte de sua mãe, seu pai sofre um infarto fulminante, morrendo na mesa do café da manhã. Marcelo e os irmãos estavam na escola, ele se lembra de ter pensado “meu pai morreu”, quando seus tios chegaram à porta de sua sala de aula. Vale ressaltar que Marcelo nunca foi preciso com datas e idades, mudando essas informações algumas vezes, mas conta que seu irmão mais velho, já com dezoito anos, decidiu continuar morando na mesma casa, tornando-se responsável pelos quatro irmãos menores, dois meninos e duas adolescentes. Os tios concordaram, o corpo de funcionários domésticos foi mantido, “começando a fase mais louca e caótica da minha vida”.

Marcelo falava muito pouco de seu pai, descreve-o como austero, severo e bastante ausente: “daqueles caras que vão de terno buscar os filhos na praia, sabe?” Dúvidas sobre a morte de seu pai, contudo, apareciam discretamente, “meu pai não suportou a perda de sua mulher, sobrando pra ele apenas a vida careta que, sozinho, passou a viver”.

*Para que serve a análise?*

Embora considerasse a análise o espaço no qual poderia curar as feridas de sua recente separação, dava-se conta, à sua maneira, de suas questões mais profundas, formulando indagações sobre si mesmo de maneira bastante direta, quase cortante. Algumas interpretações me ocorriam, mas

pareciam óbvias demais diante da crueza de alguns de seus relatos e, de certa maneira, *morriam* enquanto ensaiavam sair de minha boca. Nessa fase inicial, não havia propriamente angústia em Marcelo, queria apenas “colar os caquinhos partidos e recuperar a vida que vinha levando com minha namorada porque ela me jogou nesse abismo da solidão. Você já se drogou sozinha? Nem queira... vai do tédio a um tipo de euforia esquisita e eu odeio esses dois lugares”. “Ah, eu sei dessa relação meio manjada: a vida que meus pais levavam parece a minha vida hoje. Não tem aquela história de que os frutos não caem mesmo longe das árvores?”.

As sessões prosseguiam bastante agitadas. Marcelo costumava chegar vinte minutos mais cedo e os passava falando alto ao telefone celular. Fazia-se presente, invadindo sonoramente as sessões de minha paciente anterior. Invariavelmente, começava as sessões falando de viagens que havia feito no fim de semana ou de festas que havia frequentado. Enchia a sala com nomes e sobrenomes de banqueiros, empresários, “homens do showbusiness”, artistas etc. Todos eram amigos de longa data, era requisitado por “quase todas as pessoas que contavam na cidade”. O tom de voz começava a baixar apenas quando contava que havia se drogado: “estou com uma ressaca/rebordosa monstro”. Não poucas vezes, iniciava a sessão tomando analgésicos, trazendo de antemão uma garrafa de água. Na segunda metade da sessão, mais esvaziado das festas e das drogas, soltava frases desconexas, com olhar baixo, parecendo impenetrável: “vida de babaca é atribulada, sabia?”; “eu me sinto descendo uma ladeira em um carro sem freios, que eu ainda acelero”. Porém, logo buscava uma saída através de risos, até gargalhadas, e brincadeiras sarcásticas.

Nos dois primeiros anos, eu seguia sem saber o que dizer a Marcelo. Não era difícil permanecer em silêncio, ele era um grande falador e não deixava brechas em sua narrativa. Eu me sentia muitas vezes como sua mãe, flagrando-o em sua dança mórbida nos parapeitos entre a vida e a morte. Quando lhe parecia que minha postura ou tom de

voz eram de preocupação, ele logo voltava a falar alto, decretando o encerramento da sessão, tentando uma retomada *desajeitadamente heroica*: “eu já te disse que sou como Phoenix, morri e nasci um milhão de vezes”, “a sessão terminou, preciso correr porque hoje tem um evento enorme. Quer um ingresso? Posso conseguir pra você, não me custa nada”.

*Phoenix ou Prometeu...*

Marcelo adorava se autodenominar *Phoenix* mas eu o enxergava mais propriamente como *Prometeu*, acorrentado no alto de uma montanha (ou parapeito?), tendo o fígado bicado por uma enorme águia preta até a morte todos os dias, para acordar, eternamente, nas manhãs seguintes e fazer a mesma travessia de cada dia. Na verdade, esse era o ritmo de suas sessões: despertava muito falante e disposto para, em seguida, ser novamente bicado pela águia mortífera. A mim, restaria apenas o lugar da mãe desesperada? Deveria eu aceitar o convite para frequentar junto com ele os eventos “descolados e perigosos” que ele me fazia? Aos poucos, fui me dando conta de que essa seria a única via possível. Fedida<sup>2</sup> bem assinala que cada paciente carrega uma metáfora como possibilidade para a transferência. Se a aceitarmos, vamos precisar nos acorrentar no alto da montanha com cada um deles.

Após alguns meses em análise, contudo, Marcelo começa a dar sinais de cansaço da vida alucinante que levava. Suas sessões eram mais silenciosas, passou a trazer reflexões importantes sobre seu primeiro casamento, a relação “lacunar” que mantinha com seus dois filhos, embora se considerasse um pai amoroso. Aos 19 anos, casara-se com uma mulher muito rica, quase 10 anos mais velha, “uma supermãe, que se viu obrigada a criar ‘três’ crianças. Como eu abusei daquela mulher! No começo, era amoroso e atencioso, mas logo comecei a desaparecer de casa, a voltar dias depois, sem qualquer aviso ou contato. Ela me aguentou demais, no final pegou meus filhos e voltou para sua cidade natal. Ela se casou novamente, o marido dela me adora, sempre me hospedo na



*Marcelo caía em um choro convulsivo, arrastando a sessão para além do tempo, até que ele se acalmava e dizia se sentir muito sozinho: “tem uma solidão que não consigo explicar. Achava que era porque perdi meus pais muito cedo, mas essa solidão já estava lá”.*

casa deles quando visito meus filhos. Ela ainda me ajuda financeiramente quando preciso apagar alguns incêndios, mas eu sempre lhe pago de volta. Ela brinca que eu preciso manter uma conta aberta com ela, e é verdade”.

Marcelo costumava falar que sua vida era “uma caricatura”, que poderia ter sido muito bem vivida, mas que se transformava rapidamente, e sem controle, em “um trem descarrilado”. Usava essas frases prontas, analogias e metáforas, seu discurso era bastante “imagético”, mas os silêncios, vazios e olhares desnorteados começaram a se impor e alterar o ritmo de suas sessões.

*Eu não sei dançar tão devagar...*

Obviamente, eu me preocupava cada vez mais, sentia-me tateando vagarosamente para alcançá-lo no parapeito dessa vida/morte diária, tarefa que me parecia impossível. Comecei a sentar com ele nessa beira de abismo, pedir a ele que dançasse mais devagar, prestasse atenção ao seu próprio ritmo. Ficávamos minutos em silêncio. Muitas vezes, eu me flagrava dizendo “está tudo bem” e Marcelo caía em um choro convulsivo, arrastando a sessão para além do tempo, até que ele se acalmava e dizia se sentir muito sozinho: “tem uma solidão que não consigo explicar. Achava que era porque perdi meus pais muito cedo, mas essa solidão já estava lá”.

Marcelo tinha uma espécie de governanta em casa, herdada de sua ex-mulher, uma senhora carinhosa que literalmente tomava conta de todos os



*com o avanço da relação com sua namorada “careta”, Marcelo pôde viver um período estável e mais produtivo: reformou sua casa, passando a morar com a namorada, passou a receber regularmente os filhos e se reaproximou de alguns de seus irmãos.*

aspectos de sua vida. Sempre teve clareza quanto à importância dessas mulheres mais velhas, mães substitutas. Lembrava-se vivamente de que, muitas vezes em sua infância, ia dormir na ala das empregadas da casa da mãe ou pra lá migrava no meio da noite. “Minha solidão é a solidão de não ter sido olhado, não ter sido percebido. Eu chorei copiosamente naquele filminho do menino esquecido em casa no Natal. Aquele menininho era eu. Todo mundo rindo no cinema e eu afundado naquela tristeza”.

*Do choro à angústia...*

Apesar de Marcelo seguir se valendo de clichês e frases prontas, seu discurso passou a ser, aos poucos, mais encarnado. Suas sessões estavam mais densas. Sua vida, porém, parecia estar mais tranquila. Passou a organizar uma série de eventos corporativos e começou a namorar uma mulher “totalmente careta e certinha, dorme cedo, acorda às seis da manhã, já disse que me larga na primeira que eu aprontar. Estou tentando”. Durante esses períodos em que sua vida parecia mais previsível e rotineira, Marcelo dizia não precisar tanto das sessões, mas raramente faltava ou se atrasava: “gosto de ficar perto das minhas protetoras e você hoje é a principal delas”. Tentava me seduzir, mas, ao mesmo tempo, transferia um peso considerável pela responsabilidade de mantê-lo longe dos *parapeitos*.

A vida financeira de Marcelo era um caos. Passava meses vivendo como um bilionário, sempre que recebia antecipadamente pelos inúmeros eventos que realizava. Sabia como gastar dinheiro e gastava sem dó. Muitas vezes, tentou pagar pelas sessões de análise antecipadamente: “posso pagar um ano pra frente? Você me conhece, logo não vou ter como te pagar, melhor prevenir”. Contudo, sempre achei importante que ele seguisse pagando pelas sessões mês a mês. Na maior parte das vezes, Marcelo pagava regularmente pelas sessões, embora sua vida pudesse ruir de uma hora para a outra, nesse constante “ressurgir das cinzas”.

Com o avanço da relação com sua namorada “careta”, “parece um pouco com você, com todo respeito”, Marcelo pôde viver um período estável e mais produtivo: reformou sua casa, passando a morar com a namorada, passou a receber regularmente os filhos e se reaproximou de alguns de seus irmãos. Embora se questionasse sobre a validade de prosseguir a análise, uma vez que “estava ótimo”, nunca pensou efetivamente em interromper o trabalho analítico, pois se mostrava desconfiado quanto a “essa calmaria, que já dura mais de um ano”. No final das sessões desse período, perguntava-se quando essa tranquilidade ia acabar, soltando risadas nervosas, dizendo temer o tédio que poderia chegar, destruindo sua vida.

*Premonição confirmada...*

Marcelo passou a apresentar cansaço intenso, fortes dores de cabeça, indisposição ao se alimentar, náuseas e vômitos após a ingestão de bebidas. “Como sempre te falo, vida de babaca é atribulada. Nunca me cuidei, você sabe. Resultado, estou com *Hepatite C* e vou iniciar imediatamente um tratamento à base de Interferon. Essa merda provoca efeitos colaterais bastante fodidos. Tava tudo muito bom pra ser verdade. Não adianta, tem sempre uma conta que eu vou precisar pagar. Mas eu não vou morrer, não”.

De fato, Marcelo não morreu, mas a doença trouxe um duro período de devastação em todos os sentidos. Sua namorada “precisou” se afastar

por causa do trabalho, mudando de cidade um mês depois do início do tratamento, e sua disposição para o trabalho reduziu bastante. Marcelo bem que tentou enfrentar o tratamento como se nada fosse. Inicialmente, ia a festas, bebia, chegando a usar cocaína. Contudo, a doença e o tratamento o derrubaram, literalmente. Em uma madrugada, foi encontrado desmaiado em seu carro, sujo de urina, fezes e vômito, sendo internado para se estabilizar. Fazíamos sessões pelo telefone, momentos difíceis. Pela primeira vez, Marcelo estava com medo de morrer.

Seguimos por dois ou três meses com sessões telefônicas, trabalhando a possibilidade de ele chamar de volta as pessoas queridas e importantes, coisa que ele passou a fazer. Sua namorada voltou, os filhos se reaproximaram e uma de suas irmãs passou a lhe fazer companhia. Ele detestava essa condição, “logo eu que sempre tenho brincado de viver e morrer com tanta habilidade e competência”.

Foram onze meses de tratamento, dois dos quais ele passou internado em hospital. Sua condição financeira ficou muito difícil e, pela primeira vez, ele passou a dever pelas sessões, negando-se a fazer qualquer negociação sobre redução de valores. “Eu vou te pagar, tenha certeza. Não vou pagar menos pra você nunca, respeito seu trabalho. Prefiro parar do que fazer isso. Mas não quero e não posso parar”. A questão do dinheiro em qualquer análise costuma ser espinhosa, referida a processos primários que, como sabemos, não se dão a revelar, facilmente. No caso de Marcelo, as dificuldades financeiras eram nomeadas com certo sarcasmo, de maneira a anular vestígios de angústia: “eu vivo em um mundo onde o dinheiro concentra todos os valores de uma pessoa. Sem dinheiro, sem valor. Não me queixo disso, é assim e pronto. Eu sempre encontro trabalho e sou muito bem remunerado; você sabe que, com meus contatos, não tem pra ninguém. Conheço a nata e também a escória que tem dinheiro. Sou muito bem pago por isso. Deixa eu sarar, que logo te pago”.

Mais uma vez, Marcelo se reergueu financeiramente. No final de seu tratamento, já mais



*essa pausa durou apenas cinco ou seis meses, terminando quando Marcelo deixa na minha portaria um envelope contendo um cheque no valor de três sessões que ficara devendo ao interromper suas sessões de análise.*

fortalecido, iniciou projetos novos em outra grande empresa e fez uma festa “badalada” na cidade para comemorar a cura. Porém, o período de adoecimento havia deixado marcas profundas, Marcelo sabia disso.

*Quero um tempo da análise...*

“Você foi testemunha de um momento que preciso esquecer. Mesmo que você não me pergunte nada, eu chego aqui e começo a passar mal. Minha vida está boa, calma, a namorada voltou a morar comigo, filhos estão perto. Só preciso suportar o tédio. Eu ainda passo mal se bebo qualquer coisa. A vontade é grande, mas não dá... Ainda”. E, assim, Marcelo foi viver seu primeiro afastamento da análise e das duras questões, pois “precisava se afastar de dores e sofrimentos”.

Essa pausa durou apenas cinco ou seis meses, terminando quando Marcelo deixa na minha portaria um envelope contendo um cheque no valor de três sessões que ficara devendo ao interromper suas sessões de análise. Eu sabia que aquela “conta aberta” era necessária, por isso, simplesmente aguardei. O cheque chega, enfim, com um bilhete “não estou dando conta. Pode me ligar pra gente marcar meu retorno?”

Assim, Marcelo retorna às sessões: “você sabe como é minha namorada, né? Careta e preocupada. Eu fui almoçar com amigos e tomei umas grappas a mais, acho que no final acabei cheirando uma carreirinha de nada com um deles. Confesso que cheguei em casa meio doidão. Então, ela me



*o período de análise que se seguiu – mais ou menos quatro anos – foi distinto dos anos anteriores. Marcelo havia esgotado as possibilidades de garantir o pífio equilíbrio entre viver e morrer.*

disse pra eu voltar pra análise ou vai embora. Aqui estou eu. Assim, ela fica tranquila”.

*Mais uma vez flagrado no parapeito...*

Marcelo passou algumas sessões dedicando-se a me colocar a par das festas e viagens que havia feito, dos inúmeros convites para iniciar projetos, de uma longa visita que havia feito aos filhos. Mais vagorosamente, porém, começa a falar sobre a dificuldade de retomar sua vida após a doença, de como estava se sentindo mais velho, fraco e cansado. O medo de morrer o aterrorizava, não sabia se conseguiria seguir vivendo. “Não confunda o que vou dizer: eu não sou um suicida e nem tenho desejo de morrer. Mas estou incompetente para tocar a vida, estou me cansando de tanta destruição. Desse cansaço, eu tenho medo. Isso pode me matar”.

O período de análise que se seguiu – mais ou menos quatro anos – foi distinto dos anos anteriores. Marcelo havia esgotado as possibilidades de garantir o pífio equilíbrio entre viver e morrer. Viver perigosamente não era mais uma opção, pois suas tentativas de “construir vida sobre os escombros da morte” começaram a fracassar quase que imediatamente. Conversávamos bastante sobre formas de viver para longe “daquela puta vida, da maneira filha da puta de viver”. O período de adoecimento e o tratamento, as consequências e sequelas graves em seu corpo, romperam suas ilusões defensivas,

derrubaram seu mito do *herói que sempre ressurgiria das cinzas*. “É uma boa notícia o cansaço, sinal de que seus pactos antigos estão se rompendo”, lhe dizia. “Sigo tentando, mas sou tentado”, brincava Marcelo de maneira menos jocosa.

*Uma questão se impunha...*

Que função (ou lugar?) tinha essa análise para Marcelo? Em *Análise terminável e análise interminável* (1937)<sup>3</sup>, Freud discute sobre a indissolubilidade da neurose de transferência, como um substrato indesejável e sobranse em todo processo analítico, questionando-se inclusive sobre a impossibilidade de se analisar cabalmente os materiais mais primitivos, justamente os essenciais. O caso de Marcelo me levou a refletir sobre isso em algumas supervisões que busquei fazer ao longo de seu processo. Angustiava-me o fato de que, apesar dos avanços no trabalho analítico, com aprofundamento significativo de suas elaborações, meu paciente parecia me dizer, ao mesmo tempo, que precisava das sessões, de sua relação comigo, não apenas para se manter saudável, mas sobretudo para se manter vivo.

“Seguir tentando viver, *tentado a permanecer vivo*” é o que lhe repito algumas vezes. E Marcelo começou a se fortalecer e reorganizar a vida outra vez. Agora, em bases mais sustentáveis: vendeu sua casa, comprando um apartamento mais modesto para viver, casando-se alguns meses depois; investiu o dinheiro remanescente e começou a trabalhar com o filho, a essa altura um adulto jovem; recuperou a saúde física, ficando longe das drogas em geral, passando a fazer esportes convencionais. De modo geral, sua vida estava “mais discreta, frequente poucos amigos”. Entramos em uma fase na análise em que “busco compreender melhor o que me acontece. Acho que é bipolaridade, deveria tomar lítio?”

*Navegar nos mares da mãe era preciso...*

Sempre pensei em suas oscilações para além da narrativa psiquiátrica mais direta, por isso, escutei

3 S. Freud, *Análise terminável e análise interminável*, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1937/1976.

interessada quando Marcelo começou a buscar se compreender a partir dessa perspectiva, tentando produzir alguma tessitura no lugar do buraco que dizia carregar. Pela primeira vez, solicita que o encaminhe a um psiquiatra, coisa que recusara até então: “eu não sou de confiança, como você bem sabe. Sempre vivi entupido de drogas, conseguia Rivotril no mercado paralelo, aquilo sempre me fez muito mal, vivia chapado”. Começou, assim, a considerar a possibilidade de ser acompanhado, de tomar algo que “evitasse suas caídas no fundo do poço”.

Isso não chegou a acontecer nesse momento, pois sua mulher recebeu uma proposta para trabalhar em Portugal. “Lisboa se parece muito com o Rio. Vai fazer muito bem para nós dois”. Ainda que Marcelo não falasse explicitamente, a manutenção de sua vida e da casa era garantida por sua mulher, havia um pacto entre eles que funcionava bem, pois também contribuía para a vida que construíam juntos: “sou muito bom em estética e decoração, adoro as coisas da casa, ganho menos dinheiro hoje, mas não me sinto mal como me sentia antigamente”. Nesses tempos, falava muito de sua mãe, de sua “alma feminina”. Tivemos sessões muito bonitas, reencontros dele com a legião de mulheres que sempre o acompanharam e o salvaram. Surgem lembranças de cenas e sonhos com sua mãe, uma mãe mais atenciosa e amorosa que ele suspeitava nunca ter tido. Ainda assim, ela agora existia nele.

Eu permanecia praticamente em silêncio nessas últimas sessões, escutando-o calmamente, acompanhando-o nesses momentos verdadeiramente belos. A dimensão estética, a beleza, os sabores, as flores. Tudo isso, Marcelo carregou como bagagem para Portugal. Olhei meu paciente se despedindo e vi um homem mais velho (58 anos em 2009), sereno, sem a agitação que o aterrorizava. “Dessa vez eu vou mesmo embora... ou não?” Não precisou dar risadas sarcásticas, simplesmente se despediu. Era uma sensação inédita no seguimento dessa análise, que pude experimentar aliviada.



*acredita que vou fazer 70 anos?  
Você tem muito a ver com isso. Fiquei vivo. Estou com início de cirrose, mas me cuidando. Quero pagar pelas sessões que fiquei devendo.*

*Mas... sempre as conjunções adversativas...*

No início de 2012, chega uma mensagem “preciso falar”. Marcelo vem acompanhado do irmão mais velho, que eu jamais conhecera. Os dois entram juntos na minha sala. “Estava passando o réveillon com ele no Rio. Um pouco depois da meia-noite, estava na varanda admirando as luzes da cidade, a agitação do réveillon, me aproximei do parapeito e me inclinei um pouco para olhar. Dessa vez, foi ele que me flagrou. Tínhamos bebido um pouco e a gente se abraçou, choramos muito. Na manhã seguinte, ele ligou para um psiquiatra. Eu já disse que estou bem, não havia intenção alguma naquele meu gesto. Por isso, quis vir conversar com você”. O irmão diz: “me assustei porque ele estava bastante inclinado, porque ele não se deu conta do risco. Ele nunca vê o risco”. Marcelo, contudo, sabia dos riscos: “eu estou bem, voltei a morar no Brasil ano passado, mas bebo em ocasiões especiais e sabemos onde isso pode parar”. Tivemos mais duas sessões, Marcelo decide finalmente procurar o psiquiatra e seguiu seu caminho, prometendo me dar notícias. Nunca me pagou pelas sessões desse período.

Suas notícias demoraram a chegar. Durante a pandemia, em 2020, Marcelo pede “apenas uma conversa”. “Dessa vez demorei pra falar com você, né? Acredita que vou fazer 70 anos? Você tem muito a ver com isso. Fiquei vivo. Estou com início de cirrose, mas me cuidando. Quero pagar pelas sessões que fiquei devendo. Ando meio quebrado, mas a vida modesta tem mais a ver





*a experiência analítica  
que transparece no relato  
e reaparece na figura compacta  
de Marcelo indica camadas justapostas  
entre um bebê, um adulto jovem  
e um velho moribundo.*

comigo agora”. Prometeu pagar uma sessão por mês. E assim foi.

### Comentário de Paulo Endo

A exposição de um caso, sem endereçamento claro ou conhecido, na composição de outras metainterpretações que se acrescentariam, substituiriam e/ou modificariam a interpretação do(a) narrador(a) do caso, é um exercício clínico que veda certas percepções para ativar não percebidos, outros percebidos que se organizam, ou não, noutra cena entre três narrações sobre uma mesma clínica e que, separadas e juntas, perfazem o horizonte infinito da interpretação psicanalítica e de seu testemunho. Retoma-se assim, na proposta do Debate Clínico, algo muito fundamental do que fazemos em, com e sobre psicanálise nesse interessante espaço sugerido pela revista *Percurso* em que, numa pequena reunião entre psicanalistas, a princípio desconhecidos/as, um caso é reapresentado como mobilizador de um trabalho, de um pensamento sobre um tratamento e do devir da psicanálise. O que se segue então é um dos vértices do triângulo proposto a partir da narrativa-mãe apresentada pela analista do caso.

\* \* \*

A experiência analítica que transparece no relato e reaparece na figura compacta de Marcelo indica camadas justapostas, nem sempre deslindáveis,

Encerro essa escrita destacando algumas linhas gerais de interpretação do caso, que podem até parecer óbvias, como por exemplo: *impulsos mortíferos desdobrados em fantasias maníacas onipotentes e/ou em claras atuações propriamente suicidas, pactos identificatórios com as figuras materna e paterna, que o aprisionavam vivendo nos limites do gozo mortífero etc.*

No entanto, minha principal intenção no relato foi revelar movimentos transferenciais – e contratransferenciais – que colocam em discussão, por si mesmos, a validade do trabalho analítico, em casos em que a tolerância à contaminação e aos entrelaçamentos se dão apenas no limite de uma análise *(im)possível*.

entre um bebê, um adulto jovem e um velho moribundo. O que as compacta e indiscrimina é o apelo à morte. O menino no parapeito, o adulto que já fez de tudo na vida e o velho doente. Efeito dessa indiscriminação é a impossibilidade de impor sobre si os próprios cuidados, efeitos de castrações impossíveis ou incompletas e dos lutos sobre as próprias impossibilidades que não puderam acontecer.

É um velho, mas é também um jovem adulto e é uma criança. Transitar, usufruir, se arriscar nessa corda bamba – ou parapeito – que ele inventa supõe, contudo, um personagem suspenso num fio móvel, também equidistante entre a vida e a morte que se apresentam nas figuras maternas, nas namoradas e na analista. Com elas ele caminha sobre brasas, mas também as atíça e convida rumo às brasas. Já se drogou sozinha? Quer uns ingressos para qualquer espetáculo? Posso conseguir. Quer ser minha parceira de infortúnio?

A potência sedutora narrada nesse convite é emitida com a delicadeza de um menino para quem a morte é atraente e aterrorizante, e o processo lento de pôr fim à própria vida se revelou mais consistente e definidor do que a queda abrupta do parapeito. É possível pensar que a queda no parapeito visava, antes e sempre,

à queda no colo e, do mesmo modo, a queda na hepatite seria a prova de realidade de que não haverá colos, afagos, atenuantes para quem consistentemente frequentou a morte como possibilidade sedutora e desejada.

O velho bem alinhado (como o pai) e de cabelo desgrenhado e óculos coloridos e divertidos conclui uma figura agradável, simpática, diferente e não usual. Nela se revela até mesmo uma definição da vida, do viver em proximidade com o morrer: morrer não deve ser levado tão a sério assim.

A morte não deveria ser intencional, salvo nos arroubos do suicídio deliberado, mas Marcelo parece dizer: Mas ela é. Ele inventa uma possibilidade de se avizinhar da morte, aguardando uma proteção que eficazmente encontra nas mulheres. Suas namoradas, sua analista e na potente imagem do reencontro com a mãe ausente que o arranca dos parapeitos rumo ao seu peito e, enfim, o apazigua.

O pronome possessivo sua(s) aqui indica certamente que ele as possui de algum modo, e sua posse também indica que elas são mais tragadas ao parapeito do que o retiram de lá. As suas mulheres são gentilmente convidadas a viver abismadas se aceitam o doce convite do precipício, como o detalhado relato da analista nos permite entrever.

Essa forma de gozo, que define uma vida inteira e parte das vidas que com ele se precipitam, impõe uma duração impressionante e revela que Marcelo não sabe ser outro se não o menino do parapeito que aguarda um colo “careta”. O colo “careta” é, no fim, o colo de verdade, a proximidade artificial com o seio, o aquietar-se em segurança num lugar impossível. Sem esse colo que o salvaria de si, não há a tensão entre a queda e a proteção; o tudo e o nada; a pobreza e a riqueza; a sobriedade e a embriaguez e, no fim, entre a vida e a morte, e tudo se indiscrimina.

Quem dirá que a sobriedade é mais intensa, gozosa e profunda que a embriaguez? Quem dirá que não é apenas na embriaguez que se pode se livrar das cabeças, da ponderação, castração e propósito? E quem dirá, no auge de sua sobriedade, que os prazeres sublimatórios entregam o mesmo



*a impossibilidade das criaturas  
no Hades, como Prometeu,  
é que elas não podem se matar.  
Suas vidas não lhes pertencem e suas  
mortes serão, para sempre,  
jamais alcançadas.*

colorido e intensidade que os prazeres orais, anais e polimorfos?

Marcelo tipifica uma trajetória heroica, suscita e fascina por provocar definições heterodoxas sobre a vida. Viva rápido e morra jovem! Não foi assim com Mozart, Kid Vicious, Elis e seus pais?

Porém, não foi assim com Marcelo. Ele envelheceu e seu corpo passou a ser a prova da impossibilidade do luto de sua vida que se foi. O fígado senil e castigado e o rosto rugoso que adorna com óculos divertidos o assombrariam com a possibilidade de uma existência patética. No horizonte incerto de seus ideais se vislumbra a vida exuberante de seus pais e de todos que puderam morrer jovens, ante os quais ele seria, então, um fracasso a definhando lentamente e que, portanto, não cumprirá deixar um belo cadáver.

A impossibilidade das criaturas no Hades, como Prometeu, é que elas não podem se matar. Suas vidas não lhes pertencem e suas mortes serão, para sempre, jamais alcançadas. As criaturas do Hades fracassaram em pôr fim à própria vida ou em escolher como gostariam de morrer. Do mesmo modo é Fênix, obrigada a renascer e a triunfar sobre a morte, sempre e infinitas vezes. São os não mortos, para quem a morte foi vedada. A penúria de Prometeu e o triunfo da Fênix, oniricamente justapostos, conflagrariam uma das possíveis representações de Marcelo: uma Fênix paradoxal e melancólica, tal como tantas vezes evidenciou sua analista em seu relato. “Assim que sarar te p(e)ago”. Em outros termos: Vou renascer e você testemunhará ou viverá para ver!



é instigante tensionar  
a orfandade de Marcelo  
com o seu abandono regular  
e crônico que mil vezes  
o precipitou no tudo  
ou nada.

Entre não gozar e gozar sempre, retorno ao relato e não encontro nenhuma menção às experiências sexuais de Marcelo, salvo uma menção na qual ele caracteriza o transar muito como parte de seus excessos. Ou seja, não se trata da experiência sexual, mas do sexo como não experiência. “Dias seguidos bebendo, cheirando e transando”.

Contudo o gozo de Marcelo aparece em outra figura sexual: na “puta vida” e na “vida filha da puta”. Só se concebe o sexo se for muito e desregulado; ou banal e culpabilizado: a fantasia da polimorfia como ideal sexual e suas figuras congêneres limitam a própria experiência sexual, ausente do relato que nos oferece a analista de Marcelo. A puta vida, a vida de puta, a vida de um filho da puta. A putaria aparece como organizador possível de sua vida sexual, excessiva às vezes, nula e banal outras vezes, como a vida das putas. Uma vida sem amor?

Mas também Marcelo é um “filho da puta” que odeia a mãe (“puta”) que não teve, que arrasta as mulheres para seu destino mortífero e que se ampara na culpa das mulheres para não ser abandonado à própria sorte, à própria morte. A morte será sempre o enigma erótico no ponto de restauração da própria vida, no qual os lutos das representações da criança e do jovem adulto que foi zombam do velho doente que jamais quereria ser. Eis aí, na velhice, o menino no parapeito em busca de um colo infinito e sem abismos.

“Desmaiado em seu carro, sujo de urina, fezes e vômito”. O bebê pós-maturo que coloca em risco a si e a suas mães.

É instigante tensionar a orfandade de Marcelo com o seu abandono regular e crônico que mil vezes o precipitou no tudo ou nada. Pais idealizados guardaram a marca de uma tarefa que ele, como herdeiro, não pode cumprir. Aos setenta anos, doente, dependente e sem dinheiro, Marcelo não disfarçará mais suas rugas com seus óculos chamativos. A ambiguidade parental de um pai que ia de terno à praia e uma mãe carinhosa e rodeada de babás se perpetua como enigmas de uma parentalidade que não se ofereceu. Um pai que não se diverte com os filhos na praia? Uma mãe que se protege com anteparos de sua maternidade? E por que ambos partem cedo antes de se tornarem prescindíveis?

Reflexões importantes sobre a neurose de transferência são sugeridas pela analista narradora. Vale a pena refletir com ela:

Em *Análise terminável e análise interminável* (1937)<sup>4</sup>, Freud discute sobre a indissolubilidade da neurose de transferência, como um substrato indesejável e sobranse em todo processo analítico, questionando-se inclusive sobre a impossibilidade de se analisar cabalmente os materiais mais primitivos, justamente os essenciais. O caso de Marcelo me levou a refletir sobre isso em algumas supervisões que busquei fazer ao longo de seu processo. Angustiava-me o fato de que, apesar dos avanços no trabalho analítico, com aprofundamento significativo de suas elaborações, meu paciente parecia me dizer, ao mesmo tempo, que precisava das sessões, de sua relação comigo, não apenas para se manter saudável, mas sobretudo para se manter vivo.

Essa intensidade transferencial que, por vezes, expulsa a interpretação para o longínquo lugar do desespero remonta na clínica o que eu pensava em 2005, em *A violência no coração da cidade*, como o vetor de uma *pulsão de sobrevivência* que se manifesta em situações-limite e em contextos sociais e políticos em que a vida é constantemente ameaçada. A reflexão da analista de Marcelo me

4 S. Freud, *Análise terminável e análise interminável*, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1937/1976.



fez retomar esse conceito como uma insistência em sobreviver, gerada, por sua vez, a partir das condições de morte que esse mesmo sujeito gera.

E, de fato, as férteis imagens associativas de Prometeu e Fênix indicam que a vida e toda a atividade psíquica permaneceram cativas dessas repetições, como procurei sugerir acima. Repetições que só se executam pela repetição de sucessivos fracassos e nunca definitivos sucessos. É um triunfo sobre a morte na qual a ressuscitação é o grande e definitivo evento.

A cena transferencial refaria então um estado de indignação que pronto se manifestaria na escatologia da concretude do corpo regredido, imiscuído à própria urina, vômitos e fezes.

Eu pensava na ocasião que a regressão tópica a uma pulsão de sobrevivência – ativada pela regularidade de ameaças à vida, não geradas pelo sujeito mas por outrem, e que lhe exigiam respostas psíquicas urgentes e imediatas – se escoraria em experiências humanas de enlaxamento diversas, ocasionais e urgentes, dada a oportunidade, em situações de risco extremo à sobrevivência.

No caso de Marcelo, sua analista indica esse valor de prótese e escoramento no próprio mecanismo da transferência já nas sucessivas demandas por uma análise – “Não estou dando conta.” –, o que revela a potência das condições de gênese da transferência como asseguramento da sobrevivência psíquica e como valor de esperança de que, psiquicamente, outra vida seja possível, se restaurada a representação do corpo autônomo, que se escora no corpo da analista como prótese. Um corpo capaz de urinar, defecar, respirar e se alimentar sozinho logo que o cordão umbilical é cortado.

No limite a substância corpórea da transferência indicaria que, na compactação de corpos expostos e em risco, a resposta analítica e transferencial emula um corpo fonte que pode e, por vezes, tem de alcançar uma linguagem aquém, mas em seu horizonte. Porém nesse caso, e seria instigante pensar, distante dos mecanismos do recalque, da

*a cena transferencial refaria  
então um estado de indignação  
que pronto se manifestaria  
na escatologia da concretude  
do corpo regredido, imiscuído  
à própria urina, vômitos e fezes.*

denegação e da repressão, e perto, muito perto, de corpos que esqueceram os automatismos que permitem a sobrevivência autônoma (arco reflexo) e saberão reagir, limitando os riscos à vida, mesmo se caminhando sobre parapeitos.

Marcelo viveu. Alguma fratura, distância, desobediência puderam acontecer psiquicamente frente aos destinos inconscientemente herdados dos pais que morreram muito jovens. Porém, ele hesita ante a cronicidade da vida e o imperativo do ter de viver. Seu destino, definido por si próprio, foi viver, mas hesita diante de tudo o que lhe custa para fazê-lo. Ainda o que não suporta é a cronicidade imposta pelo viver sozinho. Sente que depende de outros corpos vivos como amparo, castração e salvação, como se não pudesse e soubesse viver longe dos precipícios onde a vida ordinária acontece.

Por fim peço licença para finalizar com um poema de Paulo Leminski como parte das minhas associações geradas pela leitura do caso, sobretudo em diálogo com as reflexões finais desse comentário. Aproveito para agradecer o convite da *Percurso* e à nossa analista narradora pelo prazer do diálogo ao longo do processo de produção desse material.

#### **O que passou, passou?**

[Paulo Leminski, 1994]

Antigamente, se morria  
1907, digamos, aquilo sim  
é que era morrer.



“é essencial ao desenvolvimento das ideias psicanalíticas e ao trabalho clínico que os analistas escrevam e publiquem, apesar do conflito de lealdade estar presente.”

[V. Chetrit-Vatine]

Morria gente todo dia,  
e morria com muito prazer,  
já que todo mundo sabia  
que o Juízo, afinal, viria,  
e todo mundo ia renascer.  
Morria-se praticamente de tudo.  
De doença, de parto, de tosse.  
E ainda se morria de amor,  
como se amar morte fosse.  
Pra morrer, bastava um susto,  
um lenço no vento, um suspiro e pronto,  
lá se ia nosso defunto  
para a terra dos pés juntos.  
Dia de anos, casamento, batizado,  
morrer era um tipo de festa,  
uma das coisas da vida,  
como ser ou não ser convidado.  
O escândalo era de praxe.  
Mas os danos eram pequenos.  
Descansou. Partiu. Deus o tenha.  
Sempre alguém tinha uma frase

que deixava aquilo mais ou menos.  
Tinha coisas que matavam na certa.  
Pepino com leite, vento encanado,  
praga de velha e amor mal curado.  
Tinha coisas que têm que morrer,  
tinha coisas que têm que matar.  
A honra, a terra e o sangue  
mandou muita gente praquele lugar.  
Que mais podia um velho fazer,  
nos idos de 1916,  
a não ser pegar pneumonia,  
deixar tudo para os filhos  
e virar fotografia?  
Ninguém vivia pra sempre.  
Afinal, a vida é um upa.  
Não deu pra ir mais além.  
Mas ninguém tem culpa.  
Quem mandou não ser devoto  
de Santo Inácio de Acapulco,  
Menino Jesus de Praga?  
O diabo anda solto.  
Aqui se faz, aqui se paga.  
Almoçou e fez a barba,  
tomou banho e foi no vento.  
Não tem o que reclamar.  
Agora, vamos ao testamento.  
Hoje, a morte está difícil.  
Tem recursos, tem asilos, tem remédios.  
Agora, a morte tem limites.  
E, em caso de necessidade,  
a ciência da eternidade  
inventou a criônica.  
Hoje, sim, pessoal, a vida é crônica.

## Comentário de Norma Lottenberg Semer

O convite da revista *Percurso* me deixou honrada, motivada e temerosa. Espero dar conta da proposta e agradeço a confiança pela escolha de

meu nome. Chetrit-Vatine<sup>5</sup>, em trabalho sobre a reflexão de um caso clínico de colega, assinala quão ousada é essa missão, em termos científicos e éticos. É essencial ao desenvolvimento das ideias psicanalíticas e ao trabalho clínico que os analistas escrevam e publiquem, apesar do conflito de lealdade estar presente<sup>6</sup>. Quanto à ética, é necessário proteger a confidencialidade dos

5 V. Chetrit-Vatine, The analyst at work. Some thoughts related to ethical seduction of the analyst encounter: A commentary on “A man who was tied up”, *International Journal of Psychoanalysis*, n. 89, p. 491-496, 2008.

6 J.L. Kantrowitz, *Writing about patients: responsibilities, risks, and ramifications*, New York: Other Press, 2006.



pacientes e providenciar material para dar suporte às ideias<sup>7</sup>. Freud<sup>8</sup> sustentou que os analistas têm o dever de publicar aquilo que aprendem com seus pacientes, o que poderia ajudar muitos outros.

A analista inicia seu relato abordando com clareza e coragem a decisão de trazer Marcelo e a si mesma: a situação de que a análise é sempre uma transgressão, bem como a exposição da clínica, e que estaria ciente de alguns “atos criminosos”. Manteve a recomendação de Freud<sup>9</sup> para escrever apenas quando terminasse a análise.

Vou adentrar a intimidade da dupla analista-analisando, mesmo convidada. Estaria eu em uma posição de certa forma privilegiada, à distância? Talvez ao contrário, por estar justamente impedida de vivenciar a experiência encarnada e não ter acesso ao frescor das emoções que se passaram entre-dois. O analista precisa estar envolvido e implicado, conforme preconiza Frayze-Pereira<sup>10</sup>, e disposto a viver a experiência, entregue ao risco.

O que eu poderia falar sobre essa experiência analista-analisando que me chegou em mãos? Eu me senti na posição da analista de Marcelo: “nos dois primeiros anos seguia sem saber o que dizer” – bem como em situações nas quais muitas vezes me pergunto: o que posso falar para esta pessoa que está aqui comigo que seja significativo, que tenha um sentido em sua vida, que provoque um *insight* ou uma mudança psíquica?

Em vez de tentar responder a essa pergunta, mantê-la como indagação poderia ser uma fonte de curiosidade, investigação e inspiração no trabalho cotidiano, a cada momento, com a especificidade e singularidade do encontro analítico. Não se trata do que falar, mas sobretudo de como ouvir, afinando a escuta psicanalítica, como a de aprimorar o instrumento musical, no caso, a função psicanalítica da personalidade, minha e do analisando, sendo a técnica uma condição necessária, mas não suficiente. É preciso que um músico toque com “alma” e também toque a “alma” de seus ouvintes.

Ora, a analista de Marcelo aborda, no final de seu texto, a escolha de enfatizar, de acordo

*“nos dois primeiros anos seguia sem saber o que dizer a Marcelo”. A analista pôde suportar essa posição, habitual e frequente, de tolerar não saber.*

com sua perspectiva teórica, exatamente este tema ao se referir à atenção, dedicação e aos cuidados transferenciais e contratransferenciais, dado que o trabalho se deu no “entre-dois” na experiência emocional, na conexão dos mundos psíquicos, como propõe Frayze-Pereira<sup>11</sup>.

Encontro uma correspondência na psicanálise contemporânea como ampliação do campo psíquico na sala de análise e das ressonâncias no analista, em vez da clássica versão de procurar o inconsciente ou o conteúdo latente, mas sim de se buscar a natureza da dor psíquica.

Conforme mencionado, a analista nos conta que “nos dois primeiros anos seguia sem saber o que dizer a Marcelo”. A analista pôde suportar essa posição, habitual e frequente, de tolerar não saber, manter-se em um estado de disponibilidade, de presença viva e atenta. Bion<sup>12</sup> utiliza o conceito capacidade negativa, a condição do analista para suportar um estado de “não-saber”. Vários temas foram abordados posteriormente, quando Marcelo teve condições de se aproximar de si mesmo: lutos, orfandade, onipotência, negação da realidade psíquica, funcionamento mental pelo princípio do prazer, entre outros. Notável a capacidade de acolhimento e continência interna da analista para caminhar junto a Marcelo no fio da navalha e aguardar. Qualquer passo em falso poderia ser fatal, como o título do trabalho revela. Eram duas pessoas nos parapeitos da janela: Marcelo, brincando com sua vida, e a analista mantendo o *setting* e a análise, com a condição de perceber, conter e lidar com a angústia enquanto



*a vida sem graça  
e a identificação com os pais, com  
modo narcísico e regido pelo princípio  
do prazer. Ora, renunciar  
às primeiras identificações  
é tarefa impossível.*

ele bailava pela vida, anestesiando-se de suas dores e sofrimento. A preocupação ficava com a analista enquanto ele continuava aliado a um aspecto mortífero. É possível observar também um tom de triunfo, quando lhe dizia que era de um outro mundo, de banqueiros, empresários, “homens do *show business*”, artistas e outros. A analista captou sua dor bem como a necessidade de construção de um vínculo de confiança para que pudessem, juntos, descer aos porões de sua mente.

As primeiras comunicações de Marcelo foram bem impactantes: “Ela me disse que só fiz mal a ela, que estava morrendo ao meu lado. Era verdade”. Assim, Marcelo perguntava à analista se suportaria ficar a seu lado, se poderia sobreviver à sua destrutividade.

A analista descreve suas impressões iniciais de forma cuidadosa, evidenciando as dualidades,

em um funcionamento psíquico marcado por cições: *homem grandalhão e mãos delicadas; camisas impecáveis e cabelos desgrelhados; olhar triste atrás de óculos divertidos*. Percebeu que junto ao homem grandalhão estava um pequeno menino assustado, fragilizado e sem saber o que fazer com suas dores.

Penso que Marcelo não conseguia ter acesso à angústia nas fases iniciais. Quando a analista o convida a questionar uma “puta vida”, pressupõe um mundo baseado em defesas maníacas, segundo a formulação de Winnicott<sup>13</sup>. Essa “puta vida” era relatada em termos de aspectos materiais e concretos com pouco acesso às ressonâncias emocionais ou à subjetividade. Talvez o mundo material lhe desse maior sensação de domínio, ou o libertaria de suas angústias e de seu mundo mental.

Entretanto, esse sistema já estava falido, caso contrário não necessitaria das drogas e nem teria vindo buscar análise. Essa intervenção da analista abriu caminho para que ambos pudessem pensar na “vida filha da puta” – e Marcelo trazer sua história tão triste. Diz não se lembrar da mãe, apenas alguns fragmentos, mas a descreve como uma mulher cheia de vida, extremamente carinhosa e paciente com os filhos. Uma mãe que apostou na vida para seu filho, mas talvez fizesse a mesma coisa em termos de jogos perigosos para si própria.

Havia também o sentimento de abandono, a raiva dessa vida filha da puta que o deixou sozinho sem os pais, embora reconhecesse sua solidão desde muito cedo na vida, por não se sentir olhado, percebido. A vida sem graça e a identificação com os pais, com modo narcísico e regido pelo princípio do prazer. Ora, renunciar às primeiras identificações é tarefa impossível. Para Freud<sup>14</sup>, “...os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros”.

Marcelo perdeu os pais muito cedo e manteve um modo mais infantil de se relacionar com essas figuras. Assim, não teve oportunidade de crescer junto com seus pais e relacionar-se com eles de forma adulta, menos idealizada ou com menos carga emocional. Ficaram registros da infância, memórias em sentimentos. Seu irmão mais velho de dezoito anos se tornou a figura “adulta”

- 7 M.S. Goldstein, *A Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e a pesquisa psicanalítica com material clínico de paciente*, Tese de doutorado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020.
- 8 S. Freud, Fragmento da análise de um caso de histeria, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1905/1988, vol. VII, p. 19-25.
- 9 S. Freud, Recomendação aos médicos que exercem a Psicanálise, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1912/1988, vol. XII, p. 125-133.
- 10 J.A. Frayze-Pereira, *Arte, dor, inquietudes entre Estética e Psicanálise*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- 11 J.A. Frayze-Pereira, Programa da Diretoria de Cultura e Comunidade, *Boletim Informativo da SBPSP*, jun. 2023.
- 12 W.R. Bion, *Atenção e interpretação*, Rio de Janeiro: Imago, 1970/1973.
- 13 D. Winnicott, A defesa maníaca, *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise*, 2. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935/1982, p. 247-67.
- 14 S. Freud, O Ego e o Id, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1923/1988, vol. XIX, p. 15-71.

quando era apenas um adolescente. Marcelo se manteve em um estado de mente adolescente com as aventuras onipotentes necessárias para aquele momento de vida, mas não para a vida adulta.

Que tarefa delicada para a analista ser ao mesmo tempo uma mãe acolhedora que transmite a ele o desejo de que fique vivo e não ser a mãe tão aderida ao princípio do prazer e que não suporta a realidade. Uma analista que ficou com ele, observando-o caminhar no parapeito, sofrendo com ele e principalmente não foi embora antes do tempo, como sua mãe.

Ao longo do tempo Marcelo pôde aprender com a experiência psicanalítica e ter mais contato consigo mesmo. Houve algumas mudanças no seu funcionamento psíquico, com expansão da condição mental para falar de si, das emoções, sentimentos, angústias, enfim, mais contato com seu mundo interno. Nas oscilações entre vincular-se e não se vincular, foi possível se ligar à analista “careta” e aproveitar a análise como uma experiência transformadora para sua vida, sobretudo pela confiança na caretice da analista – que garantiu a estabilidade do vínculo e do *setting*. A experiência analítica precisa permitir introjeções para dotar os objetos internos de novas qualidades<sup>15</sup>.

No segundo tempo da análise, foi possível viver uma experiência diferente em que ambos puderam estar juntos em uma parceria, colhendo frutos e flores das sementes plantadas durante todos os anos anteriores. É bem comovente a descrição desses momentos:

Nesses tempos, falava muito de sua mãe, de sua “alma feminina”. Tivemos sessões muito bonitas, reencontros

dele com a legião de mulheres que sempre o acompanharam e o salvaram. Surgem lembranças de cenas e sonhos com sua mãe, uma mãe mais atenciosa e amorosa que ele suspeitava nunca ter tido. Ainda assim, ela agora existia nele [...] A dimensão estética, a beleza, os sabores, as flores. Tudo isso, Marcelo carregou como bagagem para Portugal. Olhei meu paciente se despedindo e vi um homem mais velho (58 anos em 2009), sereno, sem a agitação que o aterrorizava.

Como ilustração, gostaria de citar alguns trechos de uma entrevista de Cecília Meireles. Quando nasceu, em 1901, seu pai já havia falecido havia três meses. Sua mãe faleceu quando a menina tinha três anos de idade, e Cecília passou a ser cuidada pela avó materna.

Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a Morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno que, para outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência... A noção ou sentimento de transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo de minha personalidade. Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa sempre foi a área da minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios inventaram fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelaram o segredo do seu mecanismo, e as bonecas o jogo do seu olhar.<sup>16</sup>

Marcelo, com outras condições psíquicas e outra história de vida, pôde descobrir alguma poesia e beleza da vida ao lado de sua analista.

15 D. Meltzer, Notas sobre processos introjetivos, *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, vol. XXIII, 3, 1982/1989.

16 C. Meireles, Entrevista à revista *Manchete* em 03 out. 1953, *Flor de Poemas* (Coleção Poiesis), Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983 (by Herdeiras Cecília Meireles).